



X COLÓQUIO INTERNACIONAL

"Educação e Contemporaneidade"

22 a 24 de Setembro de 2016

São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

QUEM ALFABETIZA OS ANALFABETOS?

UMA EXPERIÊNCIA COM A FORMAÇÃO DOS ALFABETIZADORES DO PROGRAMA TODOS PELA ALFABETIZAÇÃO-TOPA.

RAPHAELA DANY FREITAS SILVEIRA

JEAN CARLOS CERQUEIRA PEREIRA

EIXO: 18. FORMAÇÃO DE PROFESSORES. MEMÓRIA E NARRATIVAS

~~RESUMO

O presente artigo é resultado do trabalho desenvolvido no Programa Todos pela Alfabetização-TOPA, nos meses de maio e junho de 2015, nas cidades de Feira de Santana e São Gonçalo dos Campos, Bahia. Nele consta os registros das atividades desenvolvidas com os alfabetizadores do programa, bem como uma breve fundamentação das abordagens contempladas durante a formação. Aborda de forma reflexiva e crítica as políticas públicas de educação para jovens, adultos e idosos na Bahia e de como tem se propagado a perpetuação da ignorância e descaso por parte do poder público. Palavras-chave: alfabetização de jovens, adultos e idosos- letramento- políticas publicas

ABSTRACT This article is the result of work developed in the program all for Literacy- TOPA, the months of May and June of 2015, in the cities of Feira de Santana and São Gonçalo dos Campos, Bahia. It shows the records of the activities developed with the literacy program, as well as a brief rationale of approaches covered during the training. Addresses so reflexive and critical the public policies of education for young people, adults and the elderly in Bahia and of how it has spread the perpetuation of ignorance and indifference on the part of public power.

Keywords: literacy of young people, adults and the elderly-- Literacy public policies

~~Introdução

O termo Alfabetização, embora não seja recente, ainda gera muitas discussões, tanto no âmbito

educacional, como no âmbito social. Quando se pensa em crianças, há uma preocupação grande, especialmente das famílias, em saber quando elas vão “aprender a ler e a escrever”. Ao pensar na alfabetização de adultos e idosos essa preocupação torna-se ainda maior visto que, estamos falando de pessoas com historias de vida peculiares, pessoas que já viveram e vivem muitas experiências. Esta preocupação é pertinente, pois estamos vivendo numa era em que as transformações (culturais, tecnológicas, sociais, políticas e econômicas) ocorrem numa velocidade surpreendentemente rápida, e precisamos acompanhar este ritmo, caso contrário, seremos “deixados para trás”.

Adultos, ainda que “analfabetos”, ou seja, sem o domínio da técnica da leitura e da escrita, convivem e entendem a cultura escrita, pois estão inseridos num contexto em que a todo o momento se deparam com textos (em rótulos, placas, na TV, jornal, revistas, jornais, livros, folhetos etc.) e fazem uso deles. Sabem por exemplo que na sua carteira de identidade ou certidão de nascimento contem o seu nome e a cidade onde nasceram; sabem que a placa em frente ao restaurante está escrito o nome do almoço do dia; utilizam transporte por reconhecerem a cor, numero ou as letras que compõem o destino a que querem seguir; escolhem seus produtos na estante do mercado pela marca mais conhecida ou mais utilizada, enfim, fazem uso da leitura e da escrita, ainda que não da maneira convencional. A isto se dá o nome de Letramento, termo que ficou mais conhecido após os estudos de Paulo Freire e Magda Soares.

A palavra letramento surgiu recentemente e emergiu das discussões realizadas na década de 1980 por especialistas dos campos da Educação e Ciências Linguísticas. Tal palavra não está contida nos dicionários atuais e é oriunda da palavra inglesa literacy (latim: littera - letra / sufixo cy – ser, estar) que denota, conforme Soares (2000, p. 16), o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Segundo a autora, a idéia implícita nesse conceito é a de que a escrita traz conseqüências sociais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la.

Sendo assim, alfabetização e letramento na proposta educacional atual são eixos orientadores da organização do trabalho pedagógico, e tem sido o foco principal do Programa Todos pela Alfabetização-TOPA. Realizar a formação dos alfabetizadores e coordenadores do programa implica levá-los a compreender tal processo e tais conceitos.

De tal modo, alguns dos objetivos programados para a formação dos alfabetizadores foram: caracterizar a educação básica da educação de jovens, adultos e idosos, buscando compreender suas especificidades; traçar o percurso histórico da Educação de Jovens e adultos; destacar as concepções teóricas de Freire (1979), Soares (2000) e Ferreiro (2001) como principal enfoque na temática de alfabetização de Jovens, adultos e idosos; realizar um levantamento do material didático e pedagógico que pode ser utilizado no Programa TOPA, através da construção de jogos e atividades específicas voltadas à faixa etária trabalhada; apresentar as fases de escrita e suas

características, segundo a abordagem teórica de Ferreiro e Teberoski (2001); abordar sobre a função social da leitura e da escrita, entre outros objetivos mais específicos de acordo com cada temática.

Os objetivos não foram todos alcançados como deveriam devido ao fato de o nível de formação dos envolvidos (alfabetizadores) não condizerem com o ideal esperado para este tipo de programa, ou seja, muitos alfabetizadores não apresentaram um bom nível de entendimento a respeito das temáticas trabalhadas, além de possuírem uma precária formação inicial. Como foi desenvolvida a formação: metodologia utilizada. O trabalho foi desenvolvido em 40 horas de trabalho com cada grupo de alfabetizadores os quais foram selecionados em municípios baianos diversos, tais como: Ipecaetá, Coração de Maria, Conceição do Jacuípe, Rafael Jambeiro, Gavião, Conceição da Feira, entre outros. A formação contemplou diversas áreas como Ciências Naturais (8 horas), Ciências Sociais (8 horas), Língua Portuguesa (16 horas), Matemática (8 horas) e Planejamento (8 horas), totalizando uma semana de trabalho de formação. O presente artigo abordará as experiências e atividades desenvolvidas na área de Língua Portuguesa.

Como aconteciam dois dias de trabalho na área de Língua Portuguesa buscou-se um equilíbrio entre as discussões teóricas e a parte prática. Foi pensado para o primeiro momento (manhã) as leituras de textos, exposições participadas com apoio de slides, pequenos vídeos e discussões das temáticas. No período da tarde os grupos produziam atividades em equipe, como: jogos, brincadeiras, atividades de leitura e escrita (listagem, textos etc.), planejamento e rotina de trabalho. Todas as atividades produzidas em equipe eram orientadas pela formadora e os grupos apresentavam (socializavam) no final do período.

Vale ressaltar que houve a necessidade de mudança na metodologia de trabalho diversas vezes, buscando adequar-se às peculiaridades de cada grupo (cidade). Algo que chamou muito a atenção foi o fato de em algumas cidades (grupos), os alfabetizadores serem muito jovens (15 a 17 anos), por isso, buscou-se realizar um trabalho que chamasse a atenção deles e que ao mesmo tempo produzisse um efeito positivo na sua formação. De tal modo, como metodologia de trabalho, por diversas vezes foram utilizadas brincadeiras e jogos em grupo, levando às turmas a se divertirem, se descontraírem através de músicas, brincadeiras ao ar livre e em sala e bate-papo informais.

O efeito deste trabalho foi percebido no dia-a-dia: as pessoas tornavam-se mais abertas à aprendizagem. Logo após uma brincadeira, que não necessariamente tinha relação com as temáticas estudadas, as pessoas ficavam mais atentas e interessadas em participar das atividades propostas. Abordagem principal da formação: Alfabetização e letramento Com base nas pesquisas e estudos de Magda Soares (2000), o tema Alfabetização e letramento foi abordado de modo a situar o alfabetizador e coordenador a respeito destes termos e da diferença entre eles.

A alfabetização é entendida como ação de ensinar a ler e a escrever, constituindo-se como a aquisição do sistema alfabético e ortográfico. É quando ocorre o domínio das técnicas de leitura e

escrita. Deste modo, a alfabetização acontece por meio das práticas sociais de leitura e escrita, as quais chamamos de letramento.

O letramento pode ser compreendido em duas dimensões: individual e social. A dimensão individual refere-se ao desenvolvimento autônomo de habilidades para a leitura e a escrita. Na dimensão social, o letramento é apontado como fenômeno de origem cultural, uma prática social de envolvimento dos indivíduos nos contextos sociais com as práticas de leitura e escrita. Nas palavras de Soares (2000, p.67),

Quando o foco é posto na dimensão individual, o letramento é visto como atributo pessoal, parecendo referir-se, como afirma Wagner (1983, pág. 5), à “simples posse individual das tecnologias mentais complementares de ler e escrever.” Quando o foco se desloca para a dimensão social, o letramento é visto como fenômeno cultural, um conjunto de atividades culturais que envolvem a língua escrita, e de exigências sociais de uso da língua escrita. Na maioria das definições atuais de letramento, uma ou outra dessas duas dimensões é priorizada: põe-se ênfase ou nas habilidades individuais de ler e escrever, ou nos usos, funções e propósitos da língua escrita no contexto social. Para exemplificar tais conceitos, foram discutidas em sala, quais atividades mais propícias para desenvolver estas habilidades. Como exemplo de atividades de alfabetização foram propostas tais situações: leitura diária em sala de aula, aulas-passeio com exploração de textos na rua, exploração de rótulos de embalagem, formação do próprio nome, bingos, palavras cruzadas, atividades com alfabeto móvel, pesquisa de palavras e letras, dominós, quebra-cabeças, ditados, enfim, foram propostas e exemplificadas as mais diversas atividades de modo a propiciar ao alfabetizando a familiarização com as letras, composição e decomposição de palavras, comparação de palavras etc.

Quanto às atividades de letramento, os exemplos se assemelham, afinal, não há como alfabetizar sem letrar, no entanto, algumas atividades foram específicas, tais como: produção de textos coletivamente, recontos orais e escritos de textos que se sabe de memória (provérbios, adivinhas, contos, lendas etc.), ditados temáticos voltados à realidade do educando (ex: lista de instrumentos de trabalho, lista de animais, lista de alimentos, etc.), busca de informações em jornais ou folhetos de propaganda.

Assim, os termos Alfabetização e letramento foram discutidos buscando-se exemplificar e orientar os alfabetizadores para as possíveis atividades a serem desenvolvidas em sala de aula. Função Social da Leitura O tema “Função social da leitura” entrou como um dos eixos de trabalho, de maneira que os alfabetizadores e coordenadores percebessem a importância da leitura no nosso cotidiano. Buscou-se desmistificar a ideia de que leitor é apenas aquele que decodifica os signos linguísticos, mas que somos leitores a cada instante que lemos um olhar, lemos um ambiente, uma pessoa, o tempo e o clima, apenas com a visão de mundo que já possuímos.

Para tanto, deu-se início a esta temática com a leitura e discussão da poesia “Aula de leitura” de

Ricardo Azevedo, e com uma exposição participada através do uso de uns slides, que trouxeram textos escritos em outra língua, mas que facilmente foram identificados pela sua estrutura e organização, como o exemplo de uma música, um cartão postal e uma receita, todos em língua estrangeira. O objetivo era que os participantes identificassem o texto, ainda que não conseguissem decodificar, para que se sentissem como alguém que ainda não sabe ler (analfabeto), mas que compreende o mundo à sua volta, a partir de suas experiências e vivências. Daí a importância da leitura diária em sala de aula, com o uso de textos diversos (poesias, receitas, textos informativos, músicas, provérbios, contos etc.) que façam sentido na vida das pessoas. Ainda que não decodifiquem inicialmente, os alfabetizandos sabem “pra quê” serve a escrita.

Outra questão abordada nesta temática foi as “estratégias de leitura” que usamos para identificar e ler, antes de sabermos ler convencionalmente. Tal abordagem teve como pressuposto teórico os estudos e pesquisas de Isabel Solé (1998). De tal modo foram exemplificadas atividades de leitura e como os alunos tentam identificar as palavras ou texto com base em suas estratégias, que inicialmente acontece com o uso das gravuras e imagens, depois com a letra inicial, depois com a letra inicial e final, depois com as letras do meio da palavra e por fim, com a decodificação.

Exemplos de atividades foram dados de modo que os alfabetizadores pudessem perceber como as intervenções/mediações do professor neste momento são cruciais para o desenvolvimento e avanço do alfabetizando. Com base nos exemplos de mediação dados por Telma Weisz, em alguns vídeos (Programa de Formação de Professores Alfabetizadores-PROFA), os alfabetizadores e coordenadores puderam perceber que algumas mudanças simples e sutis no planejamento das atividades podem causar resultados satisfatórios no processo de alfabetização.

Um dos exemplos que foi citado: numa atividade com a imagem de um liquidificador, pode ter ao lado o nome deste objeto e mais dois nomes, iniciados com uma letra diferente, como mesa e garrafa. O aluno não alfabetizado pode identificar rapidamente excluindo os nomes que não começam com a letra L, utilizando a estratégia da primeira letra. Nesta mesma atividade, para um aluno mais avançado, pode-se usar o nome liquidificador, luminária e lanterna, todas as palavras iniciadas com a mesma letra, para que o aluno procure outras estratégias que não a letra inicial. E para alunos ainda mais avançados, pode-se usar palavras com a letra ou sílaba inicial iguais e letra final também igual. O desafio torna-se maior, mesmo numa única atividade. As fases de escrita A mais desafiante de todas as temáticas trabalhadas foi a abordagem das fases de escrita (pré-silábica, silábica, silábica-alfabética e alfabética), com base nas pesquisas de Emilia Ferreiro e Ana Teberoski, devido à dificuldade de os grupos compreenderem esse processo. Para realizar essa discussão, foram utilizados slides contendo exemplos de cada fase de escrita e suas características, bem como um bloco de escritas para que os grupos analisassem e fizessem o devido agrupamento de cada escrita de acordo com a fase.

Vale ressaltar que muitos alfabetizadores e coordenadores não compreenderam ou assimilaram tal abordagem (isso ficou evidente na avaliação que fizeram), devido à falta de preparação ou formação específica na área, ou pela não experiência com alfabetização. Na avaliação, quando questionados (grupo das cidades de Rafael Jambeiro e Gavião) qual são as fases de escrita, alguns responderam: “silábico e alfabetizado”; “pre-silábico e alfabetização”; “alfabetizar, alfabetização e alfabetizado”. Outros escreveram que a parte mais difícil da oficina de Língua Portuguesa tinha sido a parte da “separação de sílabas”, referindo-se às fases.

Exemplos de atividades também foram dados, de modo que os alfabetizadores percebessem a importância de se trabalhar com atividades sem intervenção, como listas em que o alfabetizando escreve como “pensa”. Atividades que favorecem o avanço nas hipóteses de escrita, como a de composição de nomes, através de cruzadinhas, quebra-cabeças, dominós etc. Temáticas a serem trabalhadas com os jovens, adultos e idosos. Neste eixo de trabalho surgiram as discussões mais interessantes, por vezes polêmicas, outras esclarecedoras. Foi através deste trabalho que foram discutidos com os grupos temas como: família, sexo, drogas, homossexualidade, violência, religião, meio ambiente, cultura, música, arte, preconceito racial enfim. Temáticas relacionadas ao dia-a-dia, muitas vezes nunca discutida na escola, outras vezes excluída do espaço familiar e social.

Foram levantados alguns questionamentos, que suscitaram discussões acirradas em sala, tais como: “Se você é evangélico e tem como alfabetizando um católico, que vai todo dia para a aula com seu terço e seus santinhos e pede para rezar a Ave Maria, o que você faz?

”; “Se você acredita que homossexualidade não é coisa de Deus, e tem como aluno um transexual, um travesti, como você age com ele?

”; “Para vocês o que é uma família?

”; “Como trabalhar a cultura do aluno, se nem mesmo você valoriza a sua cultura?

”

Eis algumas das respostas que surpreenderam:

“Ainda bem que só tenho aluno evangélico” (São Gonçalo, 12 de maio de 2015)

“Eu não sou nordestina” (Coração de Maria, 19 de maio de 2015)

“Uma família é também pessoas que moram juntas, amigos, que estão longe dos parentes. Família é duas mulheres que adotam um filho. Família é ter apenas um cachorro e ser feliz com ele” (Berimbau, 25 de maio de 2015)

“Pró, gostei do que você falou, porque eu sou gay e não me sinto pior do que ninguém” (Riachão do Jacuípe, 31 de maio de 2015) Tais respostas fizeram nascer grandes e importantes discussões e mudanças de pensamento em muitas pessoas, foi importante para que pensassem que o trabalho com jovens, adultos e idosos deve levar em consideração o cotidiano, a vida de cada um deles.

É importante ressaltar que ao abordar tais temáticas, a intenção era fazer com que os

alfabetizadores percebessem que estes temas devem fazer parte do planejamento e rotina dos educandos e que os mesmos podem ser trabalhados de diversas maneiras, como leitura de reportagens, notícias de jornal ou revista, assistindo um documentário, produzindo textos escritos ou mesmo através de conversas.

Tais abordagens serviram para que os participantes da formação percebessem que não há como alfabetizar sem levar o educando a discutir e perceber o que está à sua volta. Quem alfabetiza os analfabetos: o perfil dos grupos Grupo Rafael Jambeiro e Gavião O grupo mostrou-se bem tranquilo e interessado pelo trabalho desenvolvido. Quanto à formação, apenas uma ou duas pessoas alegaram estar cursando uma faculdade, outros demonstraram interesse em entrar na universidade. A maioria dos alfabetizadores tem apenas o nível médio. Havia um grupo bem jovem (entre 15 e 17 anos), mas não se constituía a maioria e demonstraram na maior parte do tempo interesse pelas temáticas abordadas.

Na avaliação feita no primeiro dia da formação, muitos mostraram ter adquirido os conhecimentos básicos e demonstraram motivação: "Atraves desta aula tenho aprendido bastante. Algo relevante foi sobre a leitura do mundo, a qual devemos levar o aluno a enxegar, ou seja, ter uma visão ampla do que o cerca. O importante para o individuo é que este se torne letrado, assim ele estará respondendo adequadamente as demandas sociais da leitura e da escrita" (não identificado, Gavião, 04 de maio de 2015) "O primeiro momento da manhã foi muito enriquecedor, pois observei que muitos alfabetizadores ainda não tinha um conhecimento mais aprofundado em relação ao processo de alfabetização e escrita num contexto de letramento. Outro ponto importantíssimo foi a orientação de ensinar a escrever e a ler de forma contextualizada, ou seja, fugindo de métodos tradicionalistas e arcaicos do ensino pautado em palavras soltas, sem sentido para a vida cotidiana do aluno" (Marta, coordenadora de grupo, Gavião, 04 de maio de 2015) "Com as suas explicações deu pra ter uma ideia de como trabalhar com meus alunos. Precisa se dedicar bastante aos alunos, principalmente a maneira de trata-los. É um imenso prazer ensinar, pois estamos ajudando a realizar o sonho de alguém" (Iara, Rafael Jambeiro, 04 de maio de 2015) "A aula foi muito proveitosa, pois aprendi como alfabetizar jovens e adultos que deve ser de forma letrada e dinâmica, sendo assim eles terão um interesse maior pela alfabetização. Vi também que é possível preparar uma aula que traz a realidade do aluno, utilizando jornais, revistas, notícias da televisão, músicas e poesias" (Alcinelma, Rafael Jambeiro, 04 de maio de 2015) Em outros relatos pude constatar e me deparar com uma realidade que eu não esperava que encontraria em se tratando de alfabetizadores. Uma realidade que não deveria acontecer, que é a de uma precariedade na formação inicial e básica sobre a própria Língua Portuguesa, mais especificamente, sobre a ortografia. Eis alguns exemplos de equívocos na escrita dos alfabetizadores que foram encontrados: "apredijagem": aprendizagem "lhe dar": lidar; "discursão": discussão; "enterece": interesse; "incinou": ensinou; "extimula": estimular ; "presiza": precisa;

“precipamente”: principalmente

Através desta pequena amostra pude perceber que este seria um desafio a enfrentar nesta formação. Lidar com um público, com um grupo de alfabetizadores jovens demais ou sem a formação básica para assumir um trabalho tão importante e necessário em nosso país, em especial, em nosso estado, que é o de alfabetizar jovens, adultos e idosos que não tiveram a oportunidade de frequentar a escola. Grupo São Gonçalo dos Campos O trabalho com este grupo foi bem tranquilo, foi uma turma pequena, com 15-16 pessoas, todas de São Gonçalo dos Campos. As atividades realizadas voltaram-se às abordagens gerais do trabalho com jovens e adultos, mas o grupo solicitou que fosse abordado novamente o trabalho sobre alfabetização e letramento, especificamente sobre leitura e escrita, visto que alguns coordenadores deste grupo não passaram pela formação na área de linguagem. Deste modo, discutimos sobre a função social da leitura, letramento e sobre as fases de escrita.

Este grupo mostrou-se interessado e atento durante os dois dias, participando com motivação das atividades propostas. Fizeram uma lista de conteúdos a serem trabalhados em cada área, bem como, elencaram as principais funções do coordenador de grupo, aproximando-se bem das orientações desta formação. Alguns coordenadores deste grupo já possuem experiência no TOPA, o que facilitou e enriqueceu as nossas discussões em sala de aula.

Grupo Ipecaetá Este grupo (Turma 1) teve uma peculiaridade que chamou a atenção: já estavam realizando a alfabetização do TOPA desde novembro de 2014, ou seja, há seis meses, portanto, estavam finalizando o trabalho. Deste modo, a maioria do grupo não demonstrava interesse pela formação e muitos que ali estavam também não demonstravam nenhum tipo de experiência com alfabetização, o que causou (em mim e em outros formadores) grande estranhamento para o tipo de trabalho que estava acontecendo naquela cidade.

Além de a turma ser composta em sua maioria por adolescentes e jovens (15 a 20 anos), o que dificultou o trabalho em sala de aula devido a não concentração e interesse pelas temáticas trabalhadas (era visível o interesse de alguns alfabetizadores pela paquera e conversas na sala de aula), o grupo mostrava-se cansado e desmotivado. Foi necessário ter muita dinâmica e brincar bastante para despertar o interesse do grupo pelas temáticas que deveriam ser abordadas.

Em relatos na sala de aula, alguns alfabetizadores diziam que tinha começado com quatro alfabetizando, mas que agora só estava com um, outros diziam alfabetizar apenas o pai e a mãe, ou parente ou vizinho. Este fato chamou a atenção para perceber que a falta de interesse pela formação se devia ao fato de eles não se sentirem “profissionais”, ou seja, o fato de alfabetizar apenas uma ou duas pessoas (em geral parentes ou conhecidos) não fazia com que essas pessoas sentissem que realizavam um trabalho profissional, e sim, uma “ajuda” ou “caridade” ou algo do tipo.

Foi preocupante trabalhar com este grupo embora na avaliação tenha sido constatado que eles mostraram-se mais motivados e interessados, como mostra alguns dos relatos em que foram solicitados a escrever quais os pontos positivos e negativos da oficina de Língua Portuguesa e o que aprenderam sobre o trabalho de leitura e escrita: “Eu aprende que tem varias formas de praticar leitura e escritas através de atividades, trabalhos em equipe, e em jogos e brincadeiras e tambem tem varias formas de praticar atividades através dos conhecimentos das vidas dos meus alunos” (Dalila, Ipecaetá, 12 de maio de 2015) “É muito importante a língua português porque faz com que eles a prenda escrever e ler corretamente” (não identificado, Ipecaetá, 12 de maio de 2015) “Agora aprender a compreender a importância da musica e da brincadeira para o melhor aprendizado de meu aluno; e que as aulas podem e devem ser interessantes e divertidas para serem mais proveitosa” (Dayane, Ipecaetá, 12 de maio de 2015) “Pra mim foi tudo positivo e muito proveitoso pois passarei para os meus alunos o rico conhecimento de aprendizagem que aqui aprender, que pra mim é único e pra sempre” (Ana Selma, Ipecaetá, 12 de maio de 2015)

Quanto à turma 4 (alfabetizadores), mostraram-se mais atentos e curiosos quanto aos temas abordados. De tal modo, o trabalho aconteceu de maneira tranquila, embora o grupo já demonstrasse um certo cansaço. Grupo Coração de Maria A turma mais difícil de trabalhar. Um grupo de pessoas muito imaturas e com pouco interesse em participar das atividades propostas. Foi necessário chamar muita a atenção para as conversas, saídas da sala constantemente e inquietações. Essa turma chamou a atenção por ser “baderneira”, inclusive nos aposentos e espaços do hotel em que estava sendo realizada a formação. Formado por alguns funcionários da prefeitura e parentes do prefeito da cidade e por isso, gerando alguns conflitos no grupo, por questões políticas.

A turma era bastante agitada e foi necessário varias mudanças no planejamento da formação, com a inserção de mais atividades dinâmicas e brincadeiras, que objetivaram manter a atenção e interesse das pessoas pela formação. O resultado foi positivo visto que, pela boa relação entre mim e a turma, as atividades tornaram-se interessantes. Um exemplo foi a atividade “Carta curiosa”, que teve como objetivo falar sobre consciência fonológica e sugerir este trabalho com os alfabetizando. A carta curiosa é uma carta que deve ser escrita toda com palavras iniciadas com uma letra. A letra escolhida foi a P. Segue alguns exemplos da produção da turma: “Pôxa! Passei por Piauí! Passando pela Praça Pedro Pereira, pude perceber pinturas pintada por Picasso, pois paparazzos podiam parar pra perceber perfeitas pinturas” (Tábata, Rejane e Vanuza- Coração de Maria, 19 de maio de 2015) “Patricia, peça para Paulo pegar pincel para Pati. Pati pintará peteca para Pedro Pedro, professor português, preferiu participar, pintando peteca” (Valdiney e Silvana, - Coração de Maria, 19 de maio de 2015) “Para poder pedir perdão para papai, preciso preparar palavras prazerosas. Preciso preparar, para poder passear.” (Maria Raimunda e Sandra, - Coração de Maria, 19 de maio de 2015)

Além desta produção, o grupo conseguiu realizar muitas atividades e jogos como modelos que foram socializados. Desta maneira, as atividades realizadas foram produtivas, também pelo grupo de coordenadores, que criou um projeto pedagógico muito interessante sobre a cidade e saíram com o objetivo de pô-lo em prática. Grupo IPECAETÁ O perfil deste grupo de Ipecaetá foi bem peculiar. Eles ainda não haviam começado a formação em alfabetização, o que, em minha opinião, foi determinante para a motivação e interesse dos participantes. Além de ter sido um grupo mais maduro, com pessoas mais velhas, com experiência em alfabetizar. Foi uma turma fácil de lidar, as pessoas estavam bem dispostas e interessadas pelas temáticas. As discussões fluíram de maneira tranquila, e as pessoas demonstraram compreender os objetivos do trabalho de língua portuguesa. Como em outras turmas, esta também me chamou a atenção pelo nível de formação dos alfabetizadores e sua dificuldade com a escrita. Na avaliação desta turma, solicitei que escrevessem o que aprenderam na oficina, as principais dúvidas, os pontos positivos e os negativos.

Eis alguns exemplos:

O que aprendi:

"Com o desenvolver dos trabalhos e atividades percebi que educar é mais do que ensinar a ler e escrever. Educar é mostrar a realidade do mundo em que vivemos as pessoas que estão de olhos vendados. Por que o analfabetismo é uma cegueira um tipo de deficiência muitíssimo grave que ainda nos muito preocupa" (Rafael, Ipecaetá, 02 de junho de 2015) "Aprendi a ter mais criatividade, com as sugestões dos meus colegas e que não devemos ensinar aos nossos alunos só textos, mas sim brincadeiras e jogos e muito mais." (Roseane, Ipecaetá, 02 de junho de 2015) "Eu aprendi muitas coisas diferentes que vai mim ajudar muito a trabalhar com os meus alunos, principalmente com varias atividades e criativas" (não identificado, Ipecaetá, 02 de junho de 2015) Dúvidas: "Nem uma eu entende tudo que você esprou do assunto" (Raílda, Ipecaetá, 02 de junho de 2015) "Levarei algumas duvidas que talvez não me ajudem muito. Como por exemplo fases de escrita. Tenho algumas pequenas duvidas que com certeza o dia-a-dia com meus alunos irão me ensinar" (Rafaela, Ipecaetá, 02 de junho de 2015)

Pontos positivos e negativos: "Ficou de positivo a interação e a participação de todos durante a aula, o que é muito importante." (Robério, Ipecaetá, 02 de junho de 2014) "Foi de vontade de aprender para passar para os meus alunos. Não aconteceu nada de ruim para ser negativo" (Ipecaetá, 02 de junho de 2014)

CONSIDERAÇÕES FINAIS Realizar a formação de alfabetizadores e participar durante seis semanas desta formação foi um grande desafio e ao mesmo tempo, uma grande experiência. Aprendi e cresci muito enquanto formadora, pois tive a oportunidade de conhecer e vivenciar o trabalho de um programa educacional, que, acredito, seja de extrema importância para a realidade que temos em nosso estado, que é ainda o estado com mais alto índice de analfabetismo do país.

Frustrrei-me por diversas vezes ao ver que o que eu falava e tentava explicar poucos participantes conseguiam compreender, por ser muito além daquilo, que naquele momento, eles poderiam captar. Foi difícil ler as escritas dos participantes e perceber o nível tão baixo de escolaridade. Tirou-me o sono o fato de eu saber que não poderia mudar esta realidade.

Ao iniciar este trabalho, eu não esperava ter que mudar a metodologia de trabalho planejado anteriormente para esta formação, no entanto, ao lidar com as pessoas e ao perceber a necessidade de um trabalho mais dinâmico, mais atraente, mais condizente com a realidade, notei a urgência na mudança metodológica.

Com mais brincadeiras, dinâmicas, jogos e bate-papos, fui adequando o trabalho e as abordagens que precisariam ser enfatizadas, como leitura, escrita, letramento, e deste modo, percebi que o efeito era muito positivo. Consegui, através de uma relação afetiva e espontânea com as turmas e por meio das brincadeiras, que as pessoas se sentissem mais à vontade para participar das atividades propostas.

Entretanto, a frustração em relação ao nível de formação dos participantes continuou e me fez refletir bastante a respeito das políticas públicas e das intenções governamentais em torno deste programa. De que modo ocorre a seleção dos alfabetizadores?

Ocorre esta seleção?

Com esta experiência percebi que, na maioria das cidades, não há nenhum tipo de critério. De tal modo, penso que este é um momento importante para repensar este aspecto.

Como acreditar que pessoas tão jovens, adolescentes ainda, podem ter a sensibilidade e a maturidade de trabalhar com adultos e idosos que ainda não sabem ler e escrever?

Em pensar que o trabalho com a alfabetização de jovens, adultos e idosos necessita de uma grande formação e preparação por parte dos alfabetizadores, preocupa-me bastante a realidade que está posta.

Assim, realizar esta formação, tornou-se um grande aprendizado e mais uma importante experiência profissional e pessoal. Discutir sobre os limites e desafios ainda tão visíveis na formação de educadores torna este trabalho socialmente importante, podendo levar a mais debates e profícuas reflexões nesta área.

REFERÊNCIAS SOARES, Magda B. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

*Raphaela Dany Freitas Silveira Professora do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia Professora da Educação Básica pela Prefeitura Municipal de Feira de Santana Mestre em Educação-UEFS Pedago(a)-UEFS raphaelafreitas23@gmail.com

*Jean Carlos Cerqueira Pereira Professor de Ensino Básico Pedagogo-UEFS Especialista em Metodologia e Didática do Ensino Superior-Visconde de Cairu cerper2@hotmail.com

Recebido em: 04/07/2016

Aprovado em: 05/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: